

A violência entre parceiros íntimos sob a perspectiva de homens vítimas de suas parceiras no Brasil

Ana Claudia Ferreira Cezario*

Lais Lage Carvalho

Natalice do Carmo Lopes

Lelio Moura Lourenço

Resumo

A violência entre parceiros íntimos (VPI) é um fenômeno social e um problema de saúde pública no Brasil. Entretanto, na maioria dos estudos, apresenta apenas a mulher como vítima e homem como seu respectivo agressor. De forma a estudá-la também relacionada aos homens, a presente pesquisa objetivou levantar dados qualitativos sobre indícios e informações acerca da VPI contra o homem perpetrada por sua parceira na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais, Brasil. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas autoaplicadas para rastreamento da amostra, um questionário sociodemográfico e entrevistas individuais, gravadas e transcritas. Após três meses de aplicação do questionário de rastreamento dentro da clínica de psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, chegou-se a amostra total de 22 homens respondentes, destes 11 foram rastreados como vítimas da VPI, entretanto, apenas oito aceitaram participar do estudo. Para análise utilizou-se a estatística descritiva e a Análise de Conteúdo de Bardin (2011). Os resultados apontaram a violência psicológica como a agressão mais sofrida entre os entrevistados seguida da violência física. Os problemas afetivos, as motivações abrangentes e os problemas socioeconômicos são mencionados como os principais motivadores da VPI. Apenas 38.46% dos homens vítimas declararam ter procurado ajuda e 62.50% alegaram ainda ter contato com a agressora. Percebeu-se com o estudo, a existência da violência contra o homem perpetrada por sua parceira em Juiz de Fora e a dificuldade dos entrevistados em falar sobre a VPI sofrida. Por tratar-se de um levantamento qualitativo de amostragem pequena, faz-se necessário novos estudos e pesquisas em relação à temática ainda pouco pesquisada e discutida no Brasil.

Palavras-chave: Violência Entre Parceiros Íntimos- Violência Contra o Homem- Violência Psicológica- Violência Doméstica.

Violence between intimate partner from the perspective of male victims of their partners in Brazil

Abstract

Intimate partner violence (IPV) is a social phenomenon and a public health problem in Brazil. However, in most of studies, it is addressed only by presenting woman as victim and man as her aggressor. In order to study it also related to men, this study aimed to raise qualitative data about evidence and information of VPI against man perpetrated by their partner in the city of Juiz de Fora in Minas Gerais, Brazil. It were used a self-applied semi-structured questionnaire for sample tracking, a sociodemographic questionnaire and individual interviews, which were recorded and transcribed. After three months of the semistructured questionnaire application at the clinical psychology service at Federal University of Juiz de Fora, a sample of 22 men was reached; of those 11 were victims of IPV, however, only eight accepted to take part of this study. For analysis, descriptive statistics and content analysis of Bardin (2011) were used. The results suggest psychological violence as the most common aggression suffered, followed by physical violence. Affective problems, embracing motivations and socio-economic problems were mentioned as the main motivators of IPV. Furthermore, only 38.46% of male victims asked for help, and 62.50% said that they are still in contact with their aggressor. This study shows that violence perpetrated by woman against his partner in Juiz de Fora exists. It was also found that the interviewees had difficulties in talking about the IPV experienced. New studies about the IPV against men in Brazil are needed, since there are few studies about this topic in this country.

Keywords: Intimate Partner Violence - Violence Against Men - Psychological Violence - Domestic Violence

Introdução

Etimologicamente, o termo violência “provém do latim *violentia*, relacionado a *vis* e *violare*, porta os significados de força em ação, força física, potência,

essência, mas também de algo que viola, profana, transgride ou destrói.” (Xavier, 2008, p. 21). Neste sentido a Organização Mundial de Saúde define a violência como o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra

*Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Brasil. E-mail: ana_cfc@yahoo.com.br

pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi & Lozano, 2002). Assim, a violência pesquisada neste estudo se remete à violência dirigida contra outra pessoa, especificamente entre casais, denominada violência entre parceiros íntimos (VPI).

No que se refere à VPI, de acordo com o dec. da Lei Brasileira n. 11.340/06, de 7 de agosto de 2006 (Brasil, 2006), este tipo de violência poderá se manifestar através de agressões físicas, caracterizada por qualquer dano que afete a integridade ou a saúde corporal da vítima; psicológicas, entendida por qualquer atitude que cause dano emocional e/ou diminuição da autoestima; sexuais, estabelecida por qualquer conduta que obrigue a vítima a presenciar, manter ou a participar de relações sexuais; patrimoniais, que se entende pela destruição parcial ou total de objetos ou bens da vítima; e a violência moral vinculada às condutas de calúnia, difamação ou injúria. Perspectiva que em alguns casos é tratada de forma unidirecional de modo a perceber a mulher apenas como vítima e seu companheiro/parceiro como seu respectivo agressor (Kwagala, Wandera, Ndugga & Kabagenyi, 2013; Pereira, Vieira & Magalhães, 2013; Selic, Svab & Gucek, 2013).

No que se refere às explicações para ocorrência da violência, Rodrigues, Assmar & Jablonski (2012) reproduzem algumas tentativas de explicação da violência através das perspectivas biológicas e psicológicas. Em relação à primeira afirmam que “a controvérsia sobre a natureza da agressão é bastante antiga” exemplificando através do autor Thomas Hobbes, que em 1651 em seu trabalho *Leviatã* afirmou ser estado natural do homem a brutalidade e a violência onde as leis teriam o papel de controlar tais tendências e instintos violentos. Contemporaneamente no século XXI, as pesquisas vêm tentando correlacionar aspectos biológicos e predisposições genéticas junto às características ambientais em que o indivíduo vive, falando-se em fenótipos da violência (Flores, 2002). Carvalho-Barreto, Bucher-Malunschke, Almeida & De Souza (2009) abordam a violência através da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, afirmando ser a violência um fenômeno de múltiplas causas e consequência da convergência de vários fatores. Estes autores se referem a quatro níveis de funcionamento: a) Pessoal, abarcando os fatores biológicos e psicológicos das pessoas, b) Processual, envolvendo as relações interpessoais, c) Contextual, que incluiria as características do meio, ou seja, da comunidade e da cultura em que a pessoa vive e por último e d) Temporal, que corresponderia às relações das pessoas no aqui e agora.

Os adeptos da abordagem Psicológica para explicação da violência declaram que apesar dos comportamentos agressivos de animais serem explicados por aspectos instintivos, quando estudamos seres humanos, não há evidências de que suas ações violentas também sejam resultados apenas de processos

instintivos internos (Rodrigues et al., 2012). Neste sentido mencionam que “o comportamento agressivo é aprendido com outros seres humanos.” (p. 230). Nesta vertente do comportamento aprendido, torna-se importante mencionar a Teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura, a qual afirma que a aprendizagem observacional estabelecida pela modelação social ocorre através de quatro funções cognitivas: atenção, representação, tradução ativa e processos motivacionais (Bandura 1965 apud Bandura, Azzi & Polydoro, 2008). De acordo com tal perspectiva, o aprendizado da violência ocorreria por meio da vivência e habituação das agressões, de forma a proporcionar a perpetração da VPI pela vítima que passaria a cometer atos agressivos contra seu parceiro podendo culminar na denominada violência bidirecional, sofrida e perpetrada ao mesmo tempo pelos parceiros íntimos dentro da relação conjugal.

Como apontado por Segato (2003), as estruturas elementares da violência se encontram no sistema de status e no sistema de contratos sociais, que atuam de forma a legitimar alguns comportamentos tidos como socialmente aceitos e esperados que as vítimas apresentem. Para tal autora, o ponto central das discussões sobre a violência não se encontra em causas orgânicas, biológicas ou instintivas, mas arraigada em estruturas sociais que criam condições de manifestação dos comportamentos violentos dando subsídio pra que estes se perpetuem e sejam legitimados.

Um dos primeiros autores no mundo a citar a necessidade de se estudar a violência entre o casal de forma bidirecional e inter-relacional, ou seja, a possibilidade de tanto homens quanto mulheres serem vítimas e agressores, foi Straus com a construção da escala *The Conflict Tactics Scale* (Straus, 1996). Instrumento cujo objetivo é “mensurar as estratégias utilizadas pelos membros da família para resolver possíveis desavenças e, indiretamente, captar uma situação de violência familiar” (Hasselmann & Reichenheim, 2003, p. 1084). Este investiga a possibilidade de homens e mulheres sofrerem e perpetrarem a VPI. Corroborando tal ideia, em outubro de 2000 foi criado nos Estados Unidos o primeiro centro de ajuda a homens vítimas de violência por suas parceiras íntimas. Denominado como *DAHM - The Domestic Abuse Helpline for Men*, a instituição tem por objetivo oferecer serviços jurídicos, psicológicos, médicos, além de abrigo para vítimas (Hines, Brown, & Dunning, 2007). Hoje, a instituição incorporou auxílio também à mulher e serve como um serviço de referência à violência entre casais.

Quanto às publicações que objetivaram estudar a VPI contra o homem no Brasil os estudos ainda são escassos (Cezario & Lourenço, 2013). Podemos citar alguns autores como Alvim (2004), Zaleski e colaboradores (2010), Bhona (2011) e Schraiber, Barros, Couto, Figueiredo e Albuquerque (2012). Entretanto os estudos ainda são poucos, o que reflete ainda, de certa forma, a perspectiva brasileira de investigar a violência de gênero sob o aspecto feminino vitimizado.

Em 2002, Alvim e Souza (2004) coletou dados em três capitais brasileiras: Vitória, Rio de Janeiro e

Goiânia. Ao todo foram dez sujeitos entrevistados, três mulheres e sete homens. Uma das mulheres entrevistadas disse:

Quando eu vejo que não dá pra dialogar, aí eu agrido. Quando ele para de falar e eu vejo que vou ficar sem resposta, que ele partiu para um lado que é absurdo, que eu não vou ter nem resposta para aquilo, aí eu agrido. (p. 86).

Em 2005/2006, foi realizado um estudo transversal com o objetivo de levantar as taxas de violência por parceiro íntimo, sofrida por homens e mulheres, e as suas relações com o abuso de álcool. Neste estudo, da amostra de 1445 indivíduos entrevistados, 10,7% dos homens afirmaram sofrer violência de suas parceiras íntimas. Em 38,1% dos casos de VPI os homens haviam consumido álcool e em 9,2%, as mulheres (Zaleski et al., 2010).

Bhona (2011) buscou investigar a associação entre a violência doméstica no casal e em relação aos filhos com os padrões de consumo de álcool entre mulheres em um bairro de situações socioeconômicas baixa na cidade de Juiz de Fora - MG. Numa amostra de 480 mulheres, a pesquisadora encontrou taxas de 70% para a prevalência da violência psicológica praticada pelas mesmas contra seus respectivos parceiros íntimos e de 24% para a prevalência da violência física; no que se refere ao abuso de álcool, a prevalência de consumo de risco entre mulheres foi de 7,8%. Já no estado de São Paulo, Schraiber et al (2012) realizaram um estudo transversal no qual 789 homens de 18 a 60 anos foram entrevistados em dois serviços de atenção primária. Da amostra entrevistada 63,9% apontaram já terem sofrido agressões psicológicas, 52,8% físicas e 6,1% sexuais de suas parceiras.

Assim, percebe-se que a temática da violência contra o homem, perpetrada por sua parceira no Brasil sofreu um pequeno crescimento a partir de 2000. Entretanto, como foi possível perceber através das pesquisas relatadas, este tipo específico de violência ainda necessita de maiores estudos que possam identificar e levantar mais dados, epidemiológicos e estatisticamente significativos no Brasil. Observa-se uma diferença no perfil e um distanciamento entre as publicações nacionais em contraponto as internacionais, onde já se tem um estado da arte mais avançado, contando com práticas e estudos mais consolidados, ainda sim de forma escassa ao se comparar as publicações sobre a violência entre parceiros íntimos contra a mulher. Desta forma, nota-se a relevância em investigar este tema, levantar dados e informações qualitativas, de modo a se conhecer melhor o processo da violência conjugal além de ampliar a visão da VPI também para a possibilidade do homem ser vítima de sua parceira íntima.

Tendo em vista o exposto, o presente trabalho buscou investigar de forma exploratória, indícios e informações sobre a ocorrência da violência entre parceiros íntimos no município de Juiz de Fora- MG, afim de investigar as seguintes hipóteses: a) Existem

homens vítimas de violência por suas parceiras nesta localidade? b) Quais tipos de violência são mais comuns? c) Existem comorbidades relacionadas à VPI contra o homem? d) Existem dificuldades por parte dos homens em não se reconhecerem como vítimas? Quais seriam elas?

Método

A pesquisa caracterizou-se por um levantamento transversal, de caráter exploratório e metodologia qualitativa. A amostra foi composta por oito homens, pacientes de uma clínica escola de psicologia, vinculada à Universidade Federal de Juiz de Fora - MG. Acreditou-se na possibilidade de encontrar homens vítimas de suas parceiras em função da clínica escola atender pacientes com demandas de tratamentos psicológicos que poderiam estar relacionadas, de alguma forma, com a VPI sofrida. Neste sentido alguns autores afirmam que a violência tem graves consequências psicológicas a curto e em longo prazo como o aumento da incidência de transtornos psiquiátricos, dissociação afetiva, pensamentos invasivos, ideação suicida, fobias agudas, ansiedade, medo, depressão, isolamento, dentre outros (Day et al, 2003). Transtornos que poderiam surgir e servir como demanda para que estes homens procurassem atendimento psicológico.

Este estudo teve como objetivo levantar informações acerca da violência contra o homem perpetrada por sua parceira no município de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil além de investigar algumas hipóteses como: se existem homens vítimas de violência por suas parceiras nesta localidade; se sim, quais tipos de violência são mais comuns; se existem comorbidades relacionadas à VPI contra o homem; e quais as dificuldades por parte dos homens em não se reconhecerem como vítimas.

Para coleta, inicialmente foi aplicado um pequeno questionário semiestruturado usado como rastreio para identificação das possíveis vítimas. Este foi composto por 10 perguntas fechadas de múltipla escolha, com opções de respostas tipo “sim” ou “não” aos tipos de violência questionados: física, psicológica, sexual, patrimonial e/ou moral. O instrumento foi aplicado no período de três meses, em homens que estavam recebendo atendimento na clínica escola de psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Para rastreio de homens vítimas da VPI os critérios de inclusão foram: a) ser homem, b) ser maior de 18 anos, c) ser paciente da clínica escola de psicologia da Universidade federal de Juiz de Fora, d) ter se definido como vítima da VPI de sua parceira íntima no instrumento de rastreio afirmando-se vítima na primeira questão do instrumento e e) caso tenha negado esta questão, ter respondido afirmativamente a três ou mais questões relacionados aos tipos de violência sofrida. Este último critério se deu em função de alguns homens não se definirem como vítimas, mas em várias questões afirmarem vivenciar ou terem vivenciado situações de agressão física, psicológica, sexual, patrimonial e/ou

moral de suas companheiras. Já os critérios de exclusão da amostra foram: a) ter alguma deficiência mental grave, b) ser dependente grave de álcool e outras drogas, c) não querer participar da pesquisa, d) não ser paciente da clínica escola de psicologia, e e) não se definir como vítima da VPI.

Após o rastreamento, os homens vítimas de violência perpetrada por suas parceiras foram convidados a responder a entrevista individual em local preservado, onde tiveram seus depoimentos gravados e transcritos. Na entrevista individual, foram abordados os temas da VPI relacionado às principais motivações para a violência, aos eventos de agressões vivenciados pelos entrevistados, à busca por atendimento especializado e à opinião dos mesmos em relação aos serviços oferecidos às vítimas e agressores da VPI na cidade. Para análise, foram utilizados dois tipos de avaliação: estatística descritiva através de dados frequenciais e percentuais para os resultados quantitativos obtidos através do questionário de rastreamento e do sociodemográfico; e a metodologia qualitativa da análise de conteúdo de Bardin (2011) nas entrevistas individuais onde os homens, vítimas de suas parceiras, tiveram seus depoimentos

gravados e posteriormente transcritos. No que se refere aos aspectos éticos desta pesquisa, a mesma foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, todos os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram informados acerca do risco mínimo, da ausência de ônus para os mesmos e da não obrigatoriedade de suas participações no estudo.

Resultados

Durante o período de três meses, foi aplicado o total de 22 questionários de rastreamento. Destes 22 homens abordados, 11 foram identificados, por meio do instrumento, como vítimas da violência por suas parceiras íntimas; seja por que responderam de forma positiva a pelo menos 3 das perguntas do questionário ou por que se declararam diretamente como vítimas. Entretanto apenas oito aceitaram participar da entrevista individual, segunda fase da pesquisa. Os dados completos do questionário de rastreamento, obtidos através da estatística descritiva, encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1.

Você já foi xingado por sua parceira?				
	Frequência	Percentual	Percentual Válido	Percentual Acumulado
Sim	11	50.00%	50.00%	50%
Não	11	50.00%	50.00%	100%
Sua parceira já destruiu algo que pertencia a você propositalmente?				
Sim	7	31.8	31.8	31.8%
Não	15	68.2	68.2	100%
Sua parceira já fez você passar algum tipo de humilhação pública?				
Sim	8	36.4	36.4	36.4%
Não	14	63.6	63.6	100%
Você já teve alguma torção, contusão ou pequeno corte devido a uma briga com sua parceira?				
Sim	4	18.2	18.2	18.2%
Não	18	81.8	81.8	100%
Você já foi a algum serviço de saúde devido a uma briga com sua parceira?				
Sim	4	18.2	18.2	18.2%
Não	18	81.8	81.8	100%
Você já levou algum tapa ou soco de sua parceira?				
Sim	4	18.2	18.2	18.2%
Não	18	81.8	81.8	100%
Sua parceira alguma vez já obrigou você a ter relação sexual quando não desejava?				
Sim	2	9.1	9.1	9.1%
Não	20	90.9	90.9	100%
Total	22	100.0	100.0	

Ainda dentro da análise da estatística descritiva, no que se refere aos dados sociodemográficos, a amostra encontrada de homens vítimas da VPI, foi composta por 4 (50%) que mencionaram ser solteiros, 3 (37.5%) casados e 1 (12.5%) em união estável. A grande maioria 6 (75%), declararam-se brancos, 1 (12.5%) preto e 1 (12.5%) amarelo. Quanto ao perfil socioeconômico, a renda familiar dos entrevistados foi bastante heterogênea uma vez que da amostra total de vítimas entrevistadas, 2 (12.5%) homens informaram possuir renda entre um e dois salários mínimos, 2 (12.5%) entre três e seis salários, 2 (12.5%) entre sete e doze e 2 (12.5%) acima de doze salários mínimos. Ressalta-se ainda que a grande maioria dos homens entrevistados 6 (75%), possuíam trabalho formal com carteira assinada.

Através do questionário sociodemográfico

também foi investigado o perfil dos entrevistados no que se refere ao uso/abuso de álcool e outras drogas bem como a presença de doenças crônicas. Dos oito homens respondentes, 6 (75%) mencionaram fazer uso de bebidas alcoólicas. Destes, 3 (37.5%) afirmaram usar a substância aos finais de semana, 2 (25%) com frequência mensal e um entrevistado (12.5%) declarou usar bebidas alcoólicas diariamente. Quanto ao abuso de drogas, apenas um respondente (12.5%) confirmou o uso através da substância maconha, declarando seu uso com a periodicidade de dois em dois meses.

Quanto aos dados qualitativos, obtidos por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011), através da entrevista sobre a VPI, a primeira pergunta realizada aos entrevistados foi sobre o que entendiam por violência entre casais. Neste questionamento foi possível

classificar as respectivas respostas em sete categorias. Assim por ordem decrescente de maior citação, as categorias encontradas foram: Violência Física, através das unidades de registro “física”, “tapas” e “socos” e Violência Psicológica com as unidades de registro “verbal”, “psicológica”, “palavras”, “humilhação” e “xingamentos”. Ambas as categorias se referiam à natureza dos atos violentos, ou seja, à tipologia da VPI; demonstrando assim que os entrevistados definem a VPI como sinônimos de agressões físicas e psicológicas. A terceira categoria encontrada foi denominada como Violência Condicionada aos Membros cujas unidades de registros foram: “prática comportamental do agressor contra a vítima”, “entre casais”, “fazer mal”, “ferir o parceiro” e “machucar o parceiro”. Em seguida temos as categorias Agressão Contra a Vontade da Vítima - “contra a vontade da vítima” e “que ela não queira”; Intencionalidade de Gerar Dano - “angústia”, “algum problema” e “desconforto para a vítima”; e as categorias Violência Moral e Violência Espiritual que se apresentaram de forma idêntica às unidades de registro nas falas dos entrevistados, sendo citadas apenas, sem maiores explicações ou definições sobre o que

pretendiam dizer com tais tipos de agressões.

Na segunda pergunta referente às motivações que poderiam gerar a violência entre casais, a maioria dos homens entrevistados mencionou motivações associadas aos Problemas Afetivos Relacionais – entendido aqui como “desentendimentos”, “inseguranças no relacionamento”, “ciúmes”, “traições” e “atritos”; seguidos por Motivações De Forma Abrangente - onde os entrevistados declaram que a VPI pode ser motivada por vários fatores como “intolerância”, e “falta de respeito”; Problemas Socioeconômicos – “situações financeiras”; Transtornos Psicológicos – “patologias”; enquanto a minoria dos entrevistados apontou o abuso de drogas - no caso o “vício”, “questão de drogas” - como motivador à violência entre casais. As outras unidades de registro apresentadas pelos entrevistados encontram-se na Tabela 2. É importante ressaltar que o número total frequencial das tabelas 2 e 3 referem-se ao somatório das unidades de registro, encontradas através da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), presente nas falas dos oito homens entrevistados.

Tabela 2. Motivações para a violência doméstica entre casais

Categorias	Unidades de Registro	Freq.	%	Total
Problemas Afetivos Relacionais				45.23%
	Desentendimentos	6	14.29	
	Insegurança no relacionamento	5	11.90	
	Controle de uma pessoa sobre a outra	3	7.15	
	Um relacionamento que não está bom	2	4.76	
	Ciúmes e traições	2	4.76	
	Atritos	1	2.38	
Abrangente				21.42
	Várias coisas	5	11.90	
	Intolerância	2	4.76	
	Falta de amor	1	2.38	
	Falta de respeito	1	2.38	
Problemas econômicos				14.29
	Situação financeira	6	14.29	
Transtornos Psicológicos				11.90
	Maldade de um dos membros do casal	2	4.76	
	Patologias	2	4.76	
	Modelo paterno diferente	1	2.38	
Abuso de substâncias				7.14
	Drogas	2	4.76	
	Vícios	1	2.38	
Total		42	100.00	100.00%

Quanto à concepção dos mesmos a respeito dos principais tipos de agressões que podem ocorrer na violência entre parceiros íntimos, foram apontadas cinco categorias. Dentre as cinco, novamente, a Violência Física e a Violência Psicológica estiveram presentes na maioria das falas dos entrevistados, seguidas pelas categorias, Violência Moral, Violência Sexual e Violência Financeira.

A etapa subsequente da entrevista caracterizou-se pela descrição das agressões sofridas pelos entrevistados, perpetradas por suas parceiras íntimas. Devido aos relatos extensos e diferenciados necessitou-se criar subcategorias de análise em função das diversas unidades de registro encontradas. A título de exemplificar as categorias e subcategorias, selecionamos

alguns trechos dos depoimentos colhidos. Assim, a categoria mais apontada pelos entrevistados foi a Violência Psicológica presente nos relatos através das subcategorias: Agressões Psicológicas, Controle do Comportamento e Humilhações. “A minha era verbal e psicológica, física nunca...” (ID 003); “(...) me fazia excluir as pessoas. Eu tinha que ir aos lugares que ela queria” (ID 006); “Ela me humilha às vezes, mas sempre pede perdão.” (ID 019).

Já a segunda categoria mais presente nas falas foi a Violência Física com as subcategorias: Agressões Físicas e Agressões Mútuas Entre Homem e Mulher “No início do namoro eu apanhava. Desisti; ela me pediu perdão, me bateu novamente. Eu me separei. Todos na família sabiam. Ela pediu perdão e nunca mais me

agrediu.” (ID 019)

As outras categorias encontradas foram: Infidelidade “(...) ela me traiu” (ID 006); Violência Moral “É, agressão mesmo! Moral!” (ID 005); Violência Patrimonial “(...) No caminho, começou a gritar, espremer dentro do carro a ponto de ser necessário parar, pois lançava as pernas contra os pára-brisas. Paramos e mesmo assim a movimentação continuou até que quebrou a alavanca da seta do carro” (ID 007); e Uso de Substâncias “(...) eu bebi, fiquei violento e apanhei novamente.” (ID 022).

No que se refere à busca de ajuda após a agressão sofrida, a maior parte dos entrevistados afirmaram não terem buscado auxílio (61.54%). Destes, 2 (15.38%) mencionaram ter Conversado com Amigos, 2 (15.38%) declaram ter silenciado por Vergonha, 1 (7.69%) por Medo, 2 (15.38%) justificaram a não procura em função de Falta de Conhecimento Sobre a Violência enquanto que 1 (7.69%) afirmou não ter havido a necessidade. Já dos homens que mencionaram a busca por ajuda (38.46%), dois disseram ter procurado amigos (15.38%), dois recorreram a parentes (15.38%) e apenas um buscou serviço de saúde especializado (7.69%), declarando que buscou os serviços de psicologia. Cabe destacar aqui que nas duas categorias encontradas, “SIM” e “NÃO”, para o questionamento procura por assistência, houve a presença da procura por amigos, o que demonstra a divergência de percepções entre os entrevistados sobre o entendimento acerca dos conceitos de “ajuda” classificada pelos mesmos como qualquer envolvimento de amigos para a superação da violência vivida e “assistência especializada” confundida muitas vezes com o primeiro conceito.

Em relação ao contato com a agressora, a maioria dos homens, 5 (62.5%), afirmaram conviver com a mesma. Destes, 2 (25%) afirmaram conviver,

entretanto sem relações íntimas, 2 (25%) mencionaram ainda estarem casados e 1 (12.5%) não especificou o vínculo que possuía com a autora da agressão. Dos homens que negaram tal convívio 3 (37.5%): 1 (12.5%) afirmou ter se divorciado, 1 (12.5%) declarou que a autora da agressão havia falecido e 1(12.5%) não explicitou a situação de seu relacionamento com agressora após a violência.

Quanto ao questionamento acerca da correlação entre abuso de substâncias e a violência, as respostas foram unânimes: todos os entrevistados afirmaram acreditar na relação entre álcool, drogas e violência. Entretanto, quando questionados se no caso específico dos mesmos houve a participação destas substâncias, 75% negaram enquanto que apenas 25% afirmaram que na situação em que sofreram a VPI houve o uso/abuso de álcool e/ou drogas.

Por fim, ainda foi questionado acerca da percepção dos mesmos em relação à qualidade dos serviços oferecidos às vítimas e aos agressores da VPI no município. Todos os entrevistados afirmaram que os serviços são insuficientes, resultando assim nesta questão, uma categoria única de análise: Insatisfação. É possível ilustrar as insatisfações através de alguns trechos de seus depoimentos: “(...) as vítimas deveriam ter mais assistência” (ID 003), “Deveria ter uma assistência terapêutica, terapia de casal” (ID 005), “(...) sen eu for na delegacia e falar que apanhei, os policiais vão rir da minha cara ainda.” (ID 003) e “ (...) se tem a Maria da Penha, tinha que ter uma lei e uma delegacia própria para o homem também” (ID 005). Contudo, é importante ressaltar que dos oito entrevistados que se declararam insatisfeitos, apenas um procurou atendimento especializado. Os resultados completos referentes às insatisfações relatadas encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3. Serviços de atendimento às vítimas e aos agressores são suficientes

Categorias	Unidades de Registro	Freq.	%	Total
Não				100%
	Não	4	28.57	
	As vítimas deveriam ter mais assistência	2	14.29	
	Se eu for na delegacia e falar que apanhei vão rir de mim	2	14.29	
	Tinha que ter uma Lei também para os homens	2	14.29	
	A Lei deveria ser mais suficiente	1	7.14	
	Deveria existir um local específico para receber as vítimas	1	7.14	
	Deveria manter a privacidade do sujeito	1	7.14	
	Dar mais informações	1	7.14	
Sim				
	Sim	0	0	0%
Total		14	100.00	100.00%

Discussão

Inicialmente, merece ser destacado através dos resultados obtidos com o rastreamento dos homens vítimas da VPI, a dificuldade dos mesmos em se admitirem vítimas de suas parceiras e em aceitar a falar sobre a temática; hipótese levantada e confirmada neste estudo. Já que dos homens rastreados, alguns não se identificaram como vítimas da

violência, mesmo após afirmarem terem sofrido violências físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais e/ou morais de suas parceiras. Outros se afirmaram vítimas, entretanto demonstraram-se resistentes em falar da situação, faltando mais de três vezes aos encontros marcados para a entrevista individual. Neste sentido, confirma-se a hipótese de que os homens, desta amostra, têm dificuldade em reconhecerem-se como vítimas, entretanto, através

deste estudo de levantamento, não foi possível identificar a origem de tal dificuldade. Podem estar correlacionadas a este fenômeno a necessidade de: maiores orientações sobre a violência entre parceiros íntimos e mais capacitações aos profissionais que trabalham com a temática refletindo assim na maior conscientização da população, o que poderá impactar em um maior reconhecimento por parte dos homens desta vitimização. Ainda em relação à hipótese de que existe uma dificuldade maior para os homens se reconhecerem como vítimas, conforme explicitado na introdução deste artigo, Segato (2003) vai dizer que alguns comportamentos socialmente aceitos arraigados às estruturas sociais criam condições para que o homem assuma um status, num sistema patriarcal, existente ainda nos dias atuais na humanidade. Este status se caracteriza pela imagem de domesticidade, moral e honra na qual o homem deve exercer seu domínio e mostrar seu prestígio para a sociedade. Tal necessidade pode estar inversamente correlacionada ao reconhecimento de vitimização por parte dos mesmos. Entretanto ainda são necessários mais estudos e pesquisas no que se refere ao reconhecimento da vitimização por parte dos homens o que poderá embasar e contribuir para a diminuição do processo estudado.

Quanto ao perfil sociodemográfico dos oito homens vítimas de violência entrevistados, percebe-se uma diversidade no que se refere à renda e a escolaridade dos mesmos, corroborando assim com autores que afirmam que a violência não está restrita às classes socioeconômicas mais baixas e/ou às pessoas com grau de instrução menor (Brinkerhoff & Lupri, 1988; Goodyear-Smith & Laidlaw, 1999; Swan et al, 2012). Percebe-se ainda, certo número de entrevistados com elevado nível de escolaridade, acredita-se que tal fato pôde ter ocorrido em função da coleta ter se dado numa clínica universitária. É possível identificar também que a busca da clínica escola pelos entrevistados à procura do serviço de psicologia se deu através de outras demandas que não a da violência sofrida; já que apenas um afirmou ter buscado assistência especializada para a agressão vivenciada.

Outro dado percebido neste estudo refere-se ao abuso de substâncias. O consumo de álcool foi relatado pelos homens entrevistados, tanto no questionário sociodemográfico quanto nos depoimentos acerca da violência sofrida, reafirmando e reforçando os estudos que abordam a relação do abuso de substâncias com a violência entre parceiros íntimos (Nayak, Lown, Bond & Greenfield, 2012; Sotskova & Woodin, 2013). Entretanto, quando questionados acerca dos motivadores da violência, estes mencionam mais as drogas do que o uso/abuso de álcool. O que demonstra o déficit de conhecimento dos mesmos em relação à temática estudada e a presença de suas crenças e percepções divergentes aos estudos que apontam o álcool como a substância mais consumida e correlacionada à VPI (Reinaldo & Pilon, 2008; Zilberman & Blume, 2005).

Quanto à presença de doenças crônicas

relacionadas à VPI, o pequeno índice encontrado não permitiu maiores afirmações e correlações. Entretanto, a literatura aponta algumas consequências da VPI como o estresse pós-traumático, depressão, enxaquecas, ansiedade, fobia social, dependência do tabaco, dentre outros (Crane, Hawes & Weinberger, 2013; Djikanovic, King & Bjegovic-Mikanovic, 2013; Hanby, Fales, Nangle, Serwik & Hedrich, 2012). Comorbidades que podem se desenvolver juntamente às vivências da agressão e que podem motivar as vítimas a irem à busca de assistência. O que evidencia a importância de se estudar mais a temática e de se levantar mais dados em relação à violência perpetrada e sofrida entre os parceiros íntimos.

Ao analisar a entrevista individual, especificamente, percebe-se a forte presença de agressões físicas e psicológicas nas respostas dos homens entrevistados. Tal fato se repete quando os mesmos definem a VPI, quando abordam os principais tipos de agressões e no momento em que relatam a agressão sofrida perpetrada por suas parceiras íntimas. Respondendo a hipótese levantada de que as agressões físicas e psicológicas foram os tipos mais comuns encontrados na amostra estudada. Dados que se corroboram com as pesquisas e estudos publicados nos últimos cinco anos, nos quais autores mencionam serem estas as principais agressões ocorridas na VPI (Bhona, 2011; Nowinski & Bowen, 2012; Shorey, Temple, Febres, Brasfield, Sherman & Stuart, 2012; Thornton, Graham-Kevan & Archer, 2012). Dentro das agressões psicológicas sofridas, o “controle de comportamento”, tipo de violência mais citada entre os entrevistados, foi mencionado em algumas falas. Denominado como *controlling behavior*, este tem sido estudado tanto nas agressões contra mulheres quanto na VPI onde os homens são vítimas de suas parceiras (Cho, 2012). Definido pela OMS (2002, p. 91) por “isolar a pessoa de sua família e amigos, monitorar seus movimentos e restringir seu acesso às informações ou à assistência” este tipo de violência pôde ser observado em algumas falas dos entrevistados como: “*Me fazia excluir as pessoas (...)*” (ID 006) “*Eu tinha que ir aos lugares que ela queria, não podia sair com meus amigos, não tinha vida social (...)*” (ID 003), “*(...) ela queria controlar o meu peso*” (ID 006).

No entanto, mesmo diante das agressões sofridas, a maior parte dos entrevistados afirmou não ter procurado assistência especializada. Alguns declararam o desconhecimento na época de que estavam acontecendo agressões. Corroborando assim a hipótese de que os homens ao serem vítimas da VPI quase nunca buscam assistência especializada, e que a sociedade talvez ainda não tenha o conhecimento ideal sobre todos os tipos de agressões existentes na VPI, percebido no fato de alguns entrevistados definirem a violência apenas como agressões físicas e psicológicas. Observam-se ainda dificuldades e receios por parte das vítimas, especialmente quando se tratam de homens, em falar da violência sofrida.

Em relação à percepção da qualidade dos serviços oferecidos às vítimas e aos agressores da VPI na

cidade onde foi realizada a pesquisa, os entrevistados afirmam que são insatisfatórios. Mencionam a ausência de serviços psicológicos, de policiais mais capacitados, de delegacias específicas à violência entre parceiros íntimos e a necessidade de mais informações sobre o tema. Serviços primordiais quando a prevenção e combate à VPI são pensados com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população. Através destes dados, novamente, esbarra-se na necessidade de mais estudos e pesquisas que propiciem a discussão acerca da violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima, já que este tipo de perspectiva ainda é escassa e pouco estudada no Brasil (Cezario & Lourenço, 2013).

Conclusão

Este estudo qualitativo permitiu levantar informações da violência contra o homem perpetrada por sua parceira íntima na cidade de Juiz de Fora – MG, Brasil. Modalidade de violência percebida a partir das experiências relatadas pelos homens vítimas de agressões perpetradas por suas esposas/companheiras. Permitiu confirmar ainda algumas hipóteses, dentro da amostra analisada, como: o homem também pode ser vítima da violência entre casais perpetrada por sua parceira íntima; a principal agressão presente na violência contra o homem é a violência psicológica; os mesmos têm dificuldades em falar sobre a agressão sofrida ou até mesmo a se reconhecerem como vítimas - talvez em função do papel em que assume na sociedade e

como são vistos pela mesma, e a VPI está relacionada ao abuso de álcool e outras drogas, comorbidades presentes na violência entre parceiros íntimos contra o homem.

Evidenciado pelos depoimentos dos entrevistados, percebe-se que a VPI é vista como sinônimo de agressões físicas e psicológicas. O que pode tornar-se um dificultador à identificação da violência sofrida por parte dos próprios homens agredidos já que a violência moral, patrimonial e a sexual não são mencionadas e reconhecidas. Refletindo assim na menor busca por assistência e conseqüentemente, menores intervenções à VPI. Através deste levantamento, fica claro também a presença do álcool e das drogas no contexto da VPI. Há, portanto, a necessidade de mais estudos e intervenções dirigidas ao abuso de substâncias como forma de prevenção e combate a este tipo específico de violência.

Conclui-se assim, que a pesquisa atingiu o objetivo proposto de levantar indícios e informações acerca da VPI contra o homem no município de Juiz de Fora – MG, Brasil. Confirmou algumas hipóteses levantadas, entretanto, apresenta grandes limitações no que se refere ao tamanho da amostra e à ausência de uma amostra probabilística e randomizada apontando claramente a necessidade de novos estudos, que possam identificar de forma estatisticamente significativa em amostras representativas da sociedade brasileira, a prevalência da violência contra o homem, juntamente às suas especificidades, quando perpetrada por sua parceira íntima.

Referências

- Alvim, S. F., & Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva correlacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7(2), 171-206.
- Bandura, A., Azzi, R. G., & Polydoro, S. (2008). *Teoria Social Cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bhona, F. M. C. (2011). Violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: um estudo transversal por amostragem na cidade de Juiz de Fora-MG. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Brasil. (2006). Lei Federal no 11.340 (Lei Maria da Penha). Retrieved from http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm (Consultado em 17 dez 2013).
- Brinkerhoff, M., & Lupri, E. (1988). Interspousal violence. *Canadian Journal of Sociology*, 13,407-434.
- Carvalho-barreto, A., Bucher-Malunschke, J. S. N. F., Almeida, P. C., & De Souza, E. (2009). Desenvolvimento Humano e Violência de Gênero: Uma Integração Bioecológica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(1), 86-92. doi:10.1590/S0102-79722009000100012
- Cezario, A. C. F., & Lourenço, L. M. (2013). Violência conjugal contra o homem: uma análise bibliométrica. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(1), 144-156.
- Cho, H. (2012). Examining gender differences in the nature and context of intimate partner violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(13), 2665-2684. doi: 10.1177/0886260512436391
- Crane, C. A., Hawes, S. W., & Weinberger, A. H. (2013). Intimate partner violence victimization and cigarette smoking: a meta-analytic review. *Trauma, Violence and Abuse*, 14(4), 305-315. doi: 10.1177/1524838013495962
- Day, V. P., Telles, L. E. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M, F, R., Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria*, 25(1), 9-21.
- Djikanovic, B., King, E. J. & Bjegovic-Mikanovic, V. (2013). Gender Differences in Health Symptoms Associated with the Exposure to Physical Violence in Family: Data from the 2006 National Health Survey in Serbia. *Journal of Family Violence*, 28, 753-761. doi: 10.1007/s10896-013-9545-6
- Flores, R. Z. (2002). A Biologia na violência. *Ciência e Saúde Coletiva*, 7(1), 197-202. doi: 10.1590/S1413-

81232002000100019

- Goodyear-Smith, F. A. & Laidlaw, T. M. (1999). Aggressive acts and assaults in intimate relationships: Towards an understanding of the literature. *Behavioral Sciences and the Law*, 17, 285-304.
- Hanby, M. S. R., Fales, J., Nangle, D. W., Serwikand, A. K., & Hedrich, U. J. (2012). Social anxiety as a predictor of dating aggression. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(10), 1867-1888. doi: 10.1177/0886260511431438
- Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R(CTS-1), usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. *Caderno de Saúde Pública*, 19(4), 1083-1093. doi: 10.1590/S0102-311X2003000400030
- Hines, D. A., Brown, J., & Dunning, E. (2007). Characteristics of callers to the domestic abuse helpline for men. *Journal of Family Violence*, 22(2), 63-72. doi: 10.1007/s10896-006-9052-0
- Krug, E.G., Dahlberg, L.L., Mercy, J.A., Zwi, A.B., & Lozano, R. (ed.) (2002). *World report on violence and health*. Geneva, World Health Organization. p. 5
- Kwagala, B., Wandera, S. O., Ndugga, P., & Kabageny, A. (2013). Empowerment, partner's behaviours and intimate partner physical violence among married women in Uganda. *BMC Public Health*, 13, 1-10.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. (2006, 7 de agosto). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Constituição Federal, art. 226. Recuperado em 23 de março, 2012, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Nayak, M. B., Lown, E. A., Bond, J. C., & Greenfield, T. K. (2012). Lifetime victimization and past year alcohol use in a U.S. population sample of men and women drinkers. *Drug and Alcohol Dependence*, 123, 213-219. doi:10.1016/j.drugalcdep.2011.11.016
- Nowinski, S. N., & Bowen, E. (2012). Partner violence against heterosexual and gay men: Prevalence and correlates. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 36-52. doi: 10.1016/j.avb.2011.09.005
- Pereira, A. R., Vieira, D. N., & Magalhães, T. N. (2013). Fatal intimate partner violence against women in Portugal: A forensic medical national study. *Journal of Forensic and Legal Medicine*, 20, 1099-1107. doi: 10.1016/j.jflm.2013.09.015
- Reinaldo, A. M S., & Pilon, S. C. (2008). Repercussões do alcoolismo nas relações familiares: estudo de caso. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 16 (especial).
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., Jablonki, B. (2012). *Psicologia Social* (29ª ed.). Petrópolis: Vozes. p. 326
- Selic, P., Svab, I., & Gucek, N. K. (2013). How many Slovenian family practice attendees are victims of intimate partner violence? A re-evaluation cross-sectional study report. *BMS Public Health*, 13(3), 1-9.
- Segato, R. L. (2003). Las estructuras elementales de la violencia: contrato y status en la etiología de la violencia. *Serie Antropología*. Recuperado abril de 2015 de http://www.esuelamagistratura.gov.ar/images/uploads/estructura_vg-rita_segato.pdf em 10 de
- Shorey, R. C., Temple, J. R., Febres, J., Brasfield, H., Sherman, A. E., & Stuart, G. L. (2012). The consequences of perpetrating psychological aggression in dating relationships: a descriptive investigation. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(15), 2980-2998. doi: 10.1177/0886260512441079
- Schraiber, L. B., Barros, C. R. S., Couto, M. T., Figueiredo, W. S., & Albuquerque, F. P. (2012). Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 15(4), 790-803.
- Sotskova, A. & Woodin, E. M. (2013). Posttraumatic stress, partner violence victimization, and harmful drinking: risk factors for relationship discord in new parents. *Journal of Interpersonal Violence*, 28(17), 3319-3341. doi: 10.1177/0886260513496896
- Straus, M. A. (1996). The Revised Conflict Tactics Scales. *Journal of Family Issues*, 17(3), 75-88. doi: 10.1177/019251396017003001
- Swan, S. C., Gambone, L. J., Lee Van Horn, M., Snow, D. L., & Sullivan, T. P. (2012). Factor Structures for Aggression and Victimization Among Women Who Used Aggression Against Male Partners. *Violence Against Women*, 18 (9), 1045-1066. doi: 10.1177/1077801212461429
- Thornton, A. J. V., Graham-Kevan, N., & Archer, J. (2012). Prevalence of women's violent and nonviolent offending behavior: a comparison of self-reports, victims' reports, and third-party reports. *Journal of Interpersonal Violence*, 27 (8), 1399-1427. doi: 10.1177/0886260511425789
- Xavier, M. (2008). Arendt, Young e Humanismo: um olhar interdisciplinar sobre a violência. *Saúde Social*, 17(3), 19-32. doi:10.1590/S0104-12902008000300004
- Zaleski, M., Pinsky, I., Laranjeira, R., Ramisetty-Mikler, S., & Caetano, R. (2010). Intimate partner violence and alcohol consumption. [Article]. *Revista De Saude Publica*, 44(1), 53-59. doi: 10.1590/S0034-89102010000100006
- Zilberman, M. L., & Blume, S. B. (2005). Violência doméstica, abuso de álcool e substâncias psicoativas. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 27(supl II), s51-5.

Fecha de recepción: 02-06-2014

Fecha de aceptación: 14-05-2015